



Estudos Semióticos - número três (2007)

## Análise de textos de "divulgação religiosa": o *éthos* dado como confronto de paixões

Sueli Maria Ramos da SILVA (FFLCH/ USP)

**RESUMO:** Dentro dos objetivos de se examinar mecanismos de construção do sentido, propomos considerar como e por que podemos depreender dois modos diferentes e conflitantes de presença no mundo. Depreenderemos o estilo de duas cenas enunciativas contrastantes entre si, a partir de textos que materializam gêneros de discurso de “divulgação religiosa”.

**PALAVRAS-CHAVE:** “Divulgação religiosa”; Catolicismo; Testemunhas de Jeová; *éthos*.

**ABSTRACT:** *According to the objectives of examining mechanisms of meaning construction we propose to consider how and why we can extract two different ways of presence in the world. We infer the style of two contrasting enunciative scenes from texts that materialize discourse genders of “religious divulgation”.*

**KEYWORDS:** *Religious divulgation; Catholicism; Jehovah’s Witnesses; éthos.*

## 1. Introdução

Este trabalho, tendo como fundamentação teórica a Semiótica greimasiana, de linha francesa, e a Análise do Discurso (AD) francesa, herdada pela Semiótica, propõe analisar semioticamente os mecanismos de construção do sentido do campo discursivo religioso materializado por meio de gêneros de “divulgação religiosa” na emergência de diferentes *ethé*.

Nosso fazer sancionador, responsável pelo recorte e delimitação de totalidades, estabeleceu, dentro do campo discursivo religioso, o espaço discursivo de duas totalidades de “divulgação religiosa”, supostamente confrontantes: Catolicismo e Testemunha de Jeová. Delimitamos como recorte textual prioritário a análise de textos de “divulgação religiosa” voltados ao público infantil no que concerne às duas totalidades discursivas (Católica e Testemunha de Jeová). O perfil do leitor será depreendido do próprio texto: marcas discursivas é que remeterão ao diagnóstico “público infantil”, já que trabalhamos com a imagem do sujeito dada no enunciado e não apriorística a ele. Assim sendo, teremos recortado o texto “Jesus nos faz seus soldados”, representativo do gênero catecismo da “divulgação religiosa” católica, extraído da seguinte obra: SURIAN, Frei Carmelo. *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*. 145ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. Também teremos recortado o texto “Davi e Golias”, extraído do MEU LIVRO DE HISTÓRIAS BÍBLICAS. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1978, e representativo do gênero livro instrucional de estudo bíblico da “divulgação religiosa” das Testemunhas de Jeová.

Por meio da análise semiótica das unidades recortadas, mediante os mecanismos de construção do sentido, podemos observar, justamente devido às recorrências estabelecidas, o fato de que os textos instrucionais, ao materializar o campo discursivo de “divulgação religiosa”, constroem um *éthos* correspondente a essa tipologia de discurso, mediante o estabelecimento da veridicção e a fidência segundo o proselitismo. O caráter doutrinário é inerente a essa tipologia, voltada ao ensino e instrução religiosa. Temos, portanto, discursos instrucionais programadores, na medida em que possibilitam a aquisição de uma competência: saber ser cristão.

PN de base:  $S_1 \rightarrow$  PN de uso [aceitar a doutrinação de um modo de vida cuja receita é dada no enunciado do texto de “divulgação religiosa”].

Entretanto, apesar do espaço discursivo confrontado no ato de análise, materializar em seus textos instrucionais e doutrinários o campo discursivo de “divulgação religiosa”, ele institui duas cenografias diferentes: o *éthos* da Igreja Católica e o *éthos* da Testemunha de Jeová. Depreenderemos assim, o modo recorrente de dizer, que remete ao modo recorrente de ser e perceber do sujeito linguageiro inscrito no mundo, para o qual depreenderemos o *éthos* das cenografias consideradas.

Assim, definiremos o estilo como efeito de individuação do discurso, produto das relações entre o plano do conteúdo e o plano de expressão dos textos. O estilo será determinado por meio do ator da enunciação ou *éthos*, depreendido dos próprios enunciados como tom, voz, caráter e corporalidade dos discursos considerados.

Remeteremos também ao *pathos*, visto como imagem do enunciatório, feixe de expectativas instituídas por esse discurso.

## **2. O Estatuto da Cenografia Considerada: O Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã**

O catecismo consultado e tomado para análise (SURIAN, Frei Carmelo. *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*. São Paulo: Vozes, 2005) confirma o *éthos* prévio dado pelo gênero catecismo como manual de instrução elementar da fé cristã. Ao materializar o gênero catecismo, caracteriza-se pela utilização do tipo textual injuntivo, por meio da culminância da receita. O catecismo possibilita a aquisição de uma competência, no caso, os atributos necessários para que o indivíduo se torne um sujeito religioso cristão da totalidade representada pela esfera de circulação do discurso religioso católico.

Esse catecismo apresenta como elementos constitutivos de sua temática os símbolos da fé religiosa e de sua doutrina. Ele é dirigido fundamentalmente às crianças em preparação à catequese para a primeira comunhão, tal como consta na apresentação ao referido catecismo. Ele institui-se, portanto, como um livro ou manual de instrução elementar da fé cristã, pautado pela exposição de forma breve e direta dos dogmas católicos em uma versão popular, remodelada e atualizada do tradicional *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*.

Tomamos como base a lição 13 “Jesus nos faz seus soldados”, da qual se realizará a análise a seguir.

O texto doutrinário apresenta-se disposto em perguntas e respostas. As questões assinaladas com asterisco (\*) são as mais importantes. A estratégia básica das questões adquire a forma imperativa por meio da instituição de perguntas retóricas. No que diz respeito à aplicação referente à vida litúrgica, interior e apostólica dos catecúmenos, observa-se a presença das seguintes seções imediatamente seguintes ao texto pautado por perguntas e respostas: Na Liturgia; Oração; Missão a Cumprir e Devo Seguir Para a Vida. Em seguida a estas seções encontram-se ilustrações didáticas, também referentes à vida litúrgica, interior e apostólica.

Desse modo, a cenografia considerada para análise confirma o *éthos* prévio dado pelo gênero catecismo, ao apresentar a utilização do tipo textual injuntivo com a instituição de prescrições a serem realizadas a fim de se atingir um determinado objetivo: a manutenção da comunhão com a comunidade da Igreja Católica.

Ao desencadear uma operação fiduciária determinada pelo crer e pelo saber apresenta uma constituição pautada pela conjunção de características do discurso religioso e pedagógico, dado que este último, de acordo com a definição de ORLANDI (1996), também constitui um discurso autoritário. A aprendizagem escolar, concebida como meio de transmissão de informações e conhecimentos, pode ser relacionada com a catequese como meio de ensino e propagação da doutrina religiosa católica. O catequista, mediador entre a voz divina e os catecúmenos, institui-se como detentor do saber, o responsável pela transmissão do saber sobre a divindade. O catecúmeno configura-se como um mero receptor (aluno), só ouve e assimila o conteúdo obtido por meio de uma comunicação dada em perguntas e respostas (perguntas retóricas).

Seu estilo é baseado em uma linguagem adaptada ao público a ele pressuposto como feixe de expectativas a esse discurso. Assim, apresenta fundamentalmente como enunciatários pressupostos aqueles que devem se iniciar nos mistérios da fé e se preparar para receber o batismo, a confirmação e a eucaristia, sendo, por conseguinte, admitidos à Igreja. Este catecismo, dada à estrutura que o constitui apresenta-se adequado ao leitor infantil instituído enquanto expectativa daquele que quer ser domesticado, daquele que quer aprender tudo de maneira clara, que não deixe nada por dizer. Temos, portanto, pressuposto a esse discurso, um leitor deseioso de um conteúdo que não dê margem a dúvidas e que seja revestido de facilitação, explicitação e transparência.

### **2.1. A Doutrina Extraída da História: Análise Semiótica de “Jesus nos Faz Seus Soldados”**

No catecismo, as respostas vão sendo dadas em lições distintas. Cada lição se remete à posterior e vice-versa, de tal modo que se vão erigindo os quatro pilares em que se estrutura a doutrina católica (I. A profissão de fé batismal; II. Os sacramentos da fé; III. A vida da fé e IV. A oração na vida da fé). Observamos que o PN de base que rege esse enunciado apresenta o Sujeito,  $S_1$ , fazendo com que  $S_2$  permaneça em conjunção com o  $O_v$  “graça divina”, cujo investimento semântico e atribuição já teriam sido efetuados num PN de base subentendido. O PN de base subentendido a que nos referimos remonta à lição 12 “Jesus nos dá sua vida, nos faz seus irmãos”, imediatamente anterior à lição 13 “Jesus nos faz seus soldados” considerada para análise. Nesse PN de base já teria sido atribuído ao actante sujeito o  $O_v$  “graça divina” por meio da instituição do sacramento do batismo.

Dentro da ideologia católica “os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem efeito naqueles que os recebem com as disposições exigidas” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 319). São sete os sacramentos da Igreja: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio.

Desse modo, por meio do PN de base da lição anterior o catecúmeno já teria sido cognitiva e pragmaticamente premiado com a recepção do dom da “graça” no batismo. Cabe ao PN de base da lição considerada a atribuição de poder e força para que o sujeito continue em conjunção com o  $O_v$  alcançado. De acordo com a ideologia católica, tendo nascido para a vida e graça pelo batismo, por meio da administração do sacramento da crisma os cristãos são fortalecidos pelo Espírito Santo, o que os torna capazes de defender a sua fé e se valer contra as tentações mundanas.

Observamos por meio da lição catequética a narrativa da transformação de estados do sujeito cristão, que inicialmente disjuncto do  $O_m$  querer ter o poder (força) para resistir aos assaltos da tentação, busca a sua conjunção. Essa conjunção com o objeto de valor modal, representado pelo poder e força, dá-se por meio do programa narrativo de doação de competência realizado pela figura de Jesus Cristo, pela

intermediação do Espírito Santo. A instituição do sacramento da crisma ao imprimir na alma do cristão “o caráter de soldado de Jesus Cristo”, confere o poder e força necessários para que este possa se tornar um verdadeiro cristão. Com isso a performance se realiza. A sanção é positiva e o crismado recebe a sanção cognitiva de reconhecimento enquanto “perfeito cristão” e “soldado de Jesus Cristo”. Por meio da sanção cognitiva, com o julgamento da conduta do sujeito, na qual o sujeito é reconhecido e considerado cumpridor do contrato, o actante sujeito é integrado ao sistema de valores proposto e permanece em conjunção com o  $O_v$  e enquanto membro da Igreja.

O catecismo considerado funciona como um PN de uso para que se obtenha o PN de base representado por meio da manutenção da aquisição do  $O_v$  “graça divina”.

Podemos considerar o enunciado do catecismo enquanto um texto instrucional programador, na medida em que possibilita ao destinatário a aquisição de uma competência: saber ser católico. O destinador-manipulador (catequista), revestido pelo poder que lhe foi delegado como o responsável pela instrução e doutrinação nos princípios de matéria religiosa, dirige-se ao enunciatário-sujeito (catecúmeno). A eficácia desse discurso se exerce pelo reconhecimento da autoridade daquele que o profere, repousando esta por meio da crença na recepção do sacramento da crisma como garantia da salvação.

A modalização deôntica apresenta um programa de ação por meio de um dever-fazer instaurado pelo destinador: dever agir como um leigo, um crente católico. O enunciador manipula o enunciatário para dever-saber, querer-saber e crer-poder-saber entrar em conjunção com os valores ideológicos propostos. Assim, tendo o fiel católico como leitor pressuposto, o “outro” ao qual este discurso se destina, o destinador do texto católico estabelece uma catequese sobre os princípios dogmáticos do catolicismo para fazer com que o leitor, por meio de uma manipulação baseada na intimidação, acredite em seu relato e cristalice sua fé em Deus representada por meio da figura de Jesus e do Espírito Santo, e conseqüentemente, seja sancionado positivamente com a recepção da crisma ou confirmação, tida como um dos sinais produtores da graça, como um dom sobrenatural instituído por Deus para que se possa alcançar a salvação.

Os procedimentos argumentativos empregados pelo catecismo para fazer-criar e parecer verdadeiro seu enunciado são construídos essencialmente por meio do uso do imperativo e da estruturação do texto na forma de perguntas e respostas. Desse modo, a argumentação lógica se desenvolve no enunciado mediante a racionalidade do vínculo causal: causa/ efeito.

Assim, temos aqui um discurso pedagógico cujo modo de dizer próprio a esse discurso é pautado pelo tom de voz professoral por meio da instituição das perguntas retóricas, que apesar da aparente instauração da polifonia a esse discurso, é constitutiva de um efeito de monofonia, num discurso autoritário que instaura duas vozes no modo da mentira. Esse simulacro institui o sujeito como presença mais próxima em relação ao enunciatário-leitor e em relação ao próprio enunciado. Faz com que o leitor se aproxime do interlocutário para que este se veja obrigado a seguir uma orientação dada.

Assim, temos que nesse discurso a arquitetura do conhecimento não se institui como primordial, mas sim o ato perlocucional representado por meio do fazer-fazer,

para que o sujeito possa agir de acordo com os preceitos da ordem religiosa considerada.

### **3. O Estatuto da Cenografia Considerada: *Meu Livro de Histórias Bíblicas***

No que concerne aos textos instrucionais voltados ao público infantil, a unidade recortada “Davi e Golias” encontra-se presente no livro denominado *Meu Livro de Histórias Bíblicas*, pertencente ao campo discursivo de “divulgação religiosa” das atividades institucionalizadas da prática religiosa das Testemunhas de Jeová.

Observamos que o livro instrucional (*Meu livro de Histórias Bíblicas*. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados) confirma o *éthos* prévio dado pelo gênero livro instrucional de estudo bíblico, ao apresentar-se como um discurso instrucional e propagador da doutrina das Testemunhas de Jeová. Apresenta como elementos constitutivos de sua temática a apresentação da doutrina neocristã das Testemunhas de Jeová por meio da exposição do conteúdo presente nas Sagradas Escrituras. Apresenta como coerção genérica a exposição de 116 narrativas bíblicas agrupadas em oito partes, seguindo a ordem de seus acontecimentos, tal como presente nas Sagradas Escrituras. As citações bíblicas encontram-se parafraseadas e as fontes bíblicas das quais foram extraídas encontram-se presentes por meio de uma indicação dada no final de cada história. O enunciado de *Meu Livro de Histórias Bíblicas* caracteriza-se, portanto, como um texto narrativo ao constituir-se como um texto figurativo, pautado pela progressão temporal e reduplicação mítica do discurso fundador.

Também observamos, notadamente por meio da apresentação do referido enunciado, uma tentativa de caracterizar o auditório como feixe de expectativas instituído por esse discurso. Consideramos assim, este enunciado adequado a um público infantil que necessitaria, portanto, da facilitação e explicitação do conteúdo das Sagradas Escrituras. Um conteúdo que parecesse transparente e que não suscitasse dúvidas ao enunciatário. Uma versão simplificada, que ao constituir-se por meio de um estilo pautado pela utilização de uma linguagem simples, caracteriza um recurso didático para maior aproximação do público considerado e maior assimilação da doutrina divina Revelada.

#### **3.1 Discurso Enquanto Retomada Parafrástica: Análise Semiótica de “Davi e Golias”**

Assim, voltamos à unidade recortada, “Davi e Golias”, caracterizado por ser um texto narrativo pautado pela progressão temporal e reduplicação mítica do discurso fundador, no caso, o livro bíblico de Samuel (1 Samuel 17:1-54).

No que diz respeito ao Programa Narrativo (PN) de base que rege este discurso, observamos que a transformação principal constitui-se por meio da ação de um sujeito sobre outro, para que este último, ao adquirir o conhecimento que o conduza à vida eterna, representado pelas verdades presentes nas Sagradas Escrituras, possa adquirir e manter-se em conjunção com o objeto valor “graça divina”.

Em *Meu livro de Histórias Bíblicas* os acontecimentos bíblicos ao serem narrados em sua progressão pressupõem relações de anterioridade e posterioridade entre

as lições consideradas. Observamos que o PN de base que rege este enunciado, apresenta o Sujeito  $S_1$  fazendo com que  $S_2$  permaneça em conjunção com o Ov “graça divina”, cujo investimento semântico e atribuição já teriam sido efetuados num PN de base subentendido. Esse PN de base subentendido remonta à História Bíblica 57 “Deus escolhe Davi”, imediatamente anterior à História 58 “Davi e Golias” considerada para análise. Por meio do PN da lição anterior já se teria atribuído ao sujeito Davi o  $O_v$  “graça divina” por meio da recepção do dom divino representado por meio da unção com óleo que legitimaria a bravura de Davi. Assim, por meio desse PN prévio, Davi já teria sido cognitiva e pragmaticamente premiado com a recepção do dom da coragem divinamente inspirada. Cabe ao PN de base, portanto, a atribuição da confiança no poder e força adquiridos para que o sujeito continue em conjunção com o  $O_v$  alcançado e possa derrotar Golias.

Inicialmente, ao observarmos a narratividade imanente à primeira seqüência narrativa ( $SN_1$ ), tida como a do enunciado, observamos por meio do conto exemplar a narrativa de transformação de estado do sujeito Davi, que inicialmente disjuncto do poder e força para derrotar seu inimigo “Golias” (o filisteu de Gate), busca a sua conjunção. Essa conjunção com o objeto de valor modal representado pelo querer ter poder e força dá-se por meio do programa narrativo de doação de competência, no qual Jeová confere a confiança no poder e força que seriam necessários a Davi. Com isso, a performance se realiza, Davi enquanto um sujeito confiante em sua força e poder divinamente inspirados executa Golias, seu inimigo, fazendo com que os israelitas vençam a batalha.

A narrativa de “Davi e Golias” desenvolve-se em torno da expectativa fiduciária, uma espera baseada em confiança. A expectativa fiduciária, dado o caráter intersubjetivo proposto, põe o sujeito em relação a outros sujeitos ( $S_1 \rightarrow S_2$ ). No enunciado considerado a expectativa fiduciária pressupõe uma relação intersubjetiva entre Davi e Jeová. Essa expectativa fiduciária de Davi em relação a Jeová vai transformar Davi, de um sujeito atualizado, ou seja, dotado de um querer estar conjunto com o objeto de valor almejado, em um sujeito realizado, ou seja, conjunto com o objeto de valor. Desse modo, temos o sujeito de estado Davi desejoso de que a conjunção com o objeto valor “graça divina” seja realizada pelo sujeito do fazer (Jeová). O desenvolvimento da paixão da expectativa fiduciária no enunciado considerado, dado o caráter intersubjetivo proposto, realiza-se por meio de uma expectativa fiduciária mútua e recíproca entre os atores do enunciado “Davi” e “Jeová”. Davi quer que Jeová o coloque em conjunção com o objeto valor “graça divina”, da mesma maneira que Jeová também é desejoso de que Davi mantenha essa conjunção. Se Davi espera que Jeová o sustente na graça, Jeová espera que Davi seja responsivo à altura. Dessa maneira, o poder e autoridade conferidos pela ideologia neocristã das Testemunhas de Jeová a esse enunciadador do livro instrucional (comentador), fazem com que este proceda à construção do livro instrucional, dirigido ao público infantil. O destinador-manipulador graças ao poder que lhe foi conferido busca estabelecer um contrato fiduciário com o destinatário-sujeito por meio da crença na palavra revelada pela divindade (Jeová), obtida e conservada por meio das Sagradas Escrituras por meio da religião das Testemunhas de Jeová.

Assim, observamos que a modalização deontica estabelece a instauração de um programa de ação neste discurso por meio do percurso de um querer-fazer, saber sobre o ser dos valores e saber sobre o fazer, instaurado pelo destinador ao operar com a revelação dos saberes míticos presentes nas Sagradas Escrituras. O destinador-manipulador busca a adesão do destinatário-sujeito por meio da manipulação executada na ordem do querer e saber fazer, ao apresentar a exemplaridade do percurso desenvolvido pelo sujeito Davi.

No que concerne aos recursos argumentativos empregados pelo enunciado instrucional para divulgar e legitimar a autoridade da cena fundante, observamos a utilização de uma estratégia discursiva diferenciada da utilizada pelo enunciado catequético infanto-juvenil. Ao contrário do catecismo considerado, ao apresentar a prescrição a ser realizada de modo explícito por meio da utilização de lições, este estabelece o autoritarismo à sua maneira, no modo do segredo, ao operar com a utilização de narrativas exemplares. As narrativas exemplares, ao operar exclusivamente com o conteúdo das Sagradas Escrituras, sem a intermediação dogmática, constituem um procedimento argumentativo a fim de persuadir o leitor pela utilização do mito. É o caso da narrativa de “Davi e Golias”, ao operacionalizar um texto narrativo pautado pela progressão temporal e reduplicação mítica do discurso fundador, no caso, o livro bíblico de Samuel (1 Samuel 17:1-54). O caráter exemplar dessa narrativa bíblica permite que aproximemos sua estrutura tanto do mito, quanto do gênero conto maravilhoso infantil. Desse modo, o enunciado do texto instrucional das Testemunhas de Jeová para divulgar e legitimar a autoridade da cena fundante utiliza-se de um recurso diferenciado do enunciado catequético considerado. Apresenta uma narrativa mítico-exemplar que leva o crente a querer-ser o ator do enunciado Davi, tido como modelo de conduta a ser seguida. A estratégia argumentativa empregada é a argumentação pelo exemplo, se tomarmos como base os procedimentos argumentativos estabelecidos por PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA (2005: 413) concernentes às ligações que fundam a estrutura do real, no que diz respeito ao fundamento pelo caso particular. Davi, um caso particular, é estabelecido como um exemplo, um modelo de conduta a ser imitada. O comportamento de Davi é exemplar por constituir um simulacro intersubjetivo demonstrado em relação a Jeová. Davi poderia oscilar, poderia duvidar, porém ele não oscila, ele não duvida em nenhum momento. Davi obteve a vitória e salvação, pois ele era detentor da graça. Davi acreditou e tinha confiança no poder que foi atribuído a ele pelo contrato fiduciário demonstrado em relação a Deus.

Assim, este discurso ao estabelecer um lugar de mediação entre Jeová e o fiel, por meio da apresentação de uma narrativa mítica, exemplar, visa construir uma espécie de manipulação, pra que o leitor-aprendiz (actante coletivo), tendo sido persuadido e aderido ao objeto do saber (a revelação do relato bíblico da batalha de “Davi e Golias”), e, portanto deonticamente modalizado, queira aprender os fundamentos bíblicos em conformidade com a ideologia neocristã das Testemunhas de Jeová, e que ao aderir à performance de crença e glorificação de tais verdades, seja sancionado positivamente com a salvação.



#### 4. Considerações finais: O *Éthos* dado como Confronto de Paixões

Este artigo se propôs ao estudo da maneira pela qual as instituições religiosas cotejadas, apesar de materializarem em seus textos instrucionais a mesma tipologia de discurso de “divulgação religiosa”, como o *éthos* correspondente ao gêneros que lhes são característicos, apresentam duas cenografias distintas, ao que remetemos à duas totalidades, A (Igreja Católica) e B (Testemunha de Jeová), dois *ethé*, a partir da escolha de gêneros de divulgação voltados ao enunciatário infanto-juvenil.

O discurso de divulgação católica traz a seguinte configuração discursiva: o católico deve lutar como um soldado para obter a graça eterna. O tom de voz beligerante que traz como argumento de autoridade “Jesus nos faz seus soldados” prende-se a uma organização diagramática dada segundo o equilíbrio das frases e das imagens, o minimalismo cromático e o mundo da racionalidade dominante. Assim proliferam figuras próprias às seqüências injuntivas como: “Missão a cumprir”, “Devo seguir para a vida”. Do universo deôntico depreende-se o *éthos* que se apóia nos dois pilares modais: dever-ser fiel; não dever-ser contraditório e cético. Emparelham-se a estas as modalidades que sustentam a prescrição (dever-fazer) e a interdição (dever não fazer). Buscando o ideal de perfeição em nenhum momento o espírito de luta por Deus e pela Igreja arrefece no *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*. Ser habitado pelo Espírito Santo é semantizado como poder e saber lutar por Deus e pela Igreja. A figura da crisma, emblemática da doação do Espírito Santo adquire o estatuto de doadora do poder e do saber ser soldado de Jesus.

Interessante é que a crisma, detalhada como elemento que fornece maior resistência aos assaltos da tentação não oferece um detalhamento figurativo da sua composição. Mantêm-se o inexplicável, para manter-se a fé.

A totalidade discursiva pressuposta ao *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* manipula o leitor por meio da recorrência de textos de tipo injuntivo, que dão lições explícitas ou ensinamentos claros de como preparar o cristão para a crisma. Vemos do mesmo campo discursivo de “divulgação religiosa” emergirem dois *ethé*. Um trabalha predominantemente com abstrações, tomando até termos concretos em seu valor genérico. É o caso do sacramento da crisma ensinado aos cristãos. Esse é o *éthos* católico, que não se destina a contar episódios bíblicos, a reduplicar atores do enunciado do texto de fundação. Esse é o *éthos* católico que prioriza explicações dos mistérios da fé mantendo, entretanto a intocabilidade dos mesmos mistérios. O que é concretamente a crisma? O leitor do catecismo católico não saberá nem deverá querer saber.

O *éthos* da Testemunha de Jeová, contrariamente ao *éthos* católico, apresenta um tom de voz mais dócil ao se constituir por meio da docilidade ficcional da história de “Davi e Golias”. Observamos que o texto instrucional de “divulgação religiosa” da totalidade discursiva das Testemunhas de Jeová apresenta-se como um texto narrativo, que diferentemente do enunciado do catecismo considerado, ao apresentar a prescrição a ser realizada de modo explícito por meio da utilização de lições, este a estabelece no modo do segredo, ao operar com a utilização de narrativas exemplares.

As estratégias do enunciador se constituem na ocultação do eu-aqui-agora, ancorando os movimentos do sentido nos atores do enunciado “Davi e Golias”, num

tempo enuncivo figurativizado como o tempo de então e num espaço topicalizado como o espaço do alhures, com a emergência dos atores do enunciado.

Esse é o *éthos* da Testemunha de Jeová, que ao operar com a reduplicação mítica do discurso fundante vai fazer a divulgação religiosa por meio da concretude das figuras, firmando o mito pelo mito. Um *éthos* mítico, altivo, superior, autoritário e detentor de uma verdade inquestionável, pois inspirado e respaldado por meio das verdades enunciadas no discurso fundante das Sagradas Escrituras.

Desse modo, vemos emergir diferentes imagens de enunciatário com base em cada uma das cenas enunciativas cotejadas. O simulacro instituído pelo enunciado do catecismo se constitui, como um enunciado prescritivo, dado por meio de um *éthos* construído na ordem da inteligibilidade e da racionalidade dominante. Pautado pela doxologia do dever-ser e saber-ser, visa estabelecer um contrato fiduciário com o enunciatário para que este adquira a competência esperada e possa manter-se por meio da paixão do medo em conjunção com os valores propugnados pelo catolicismo.

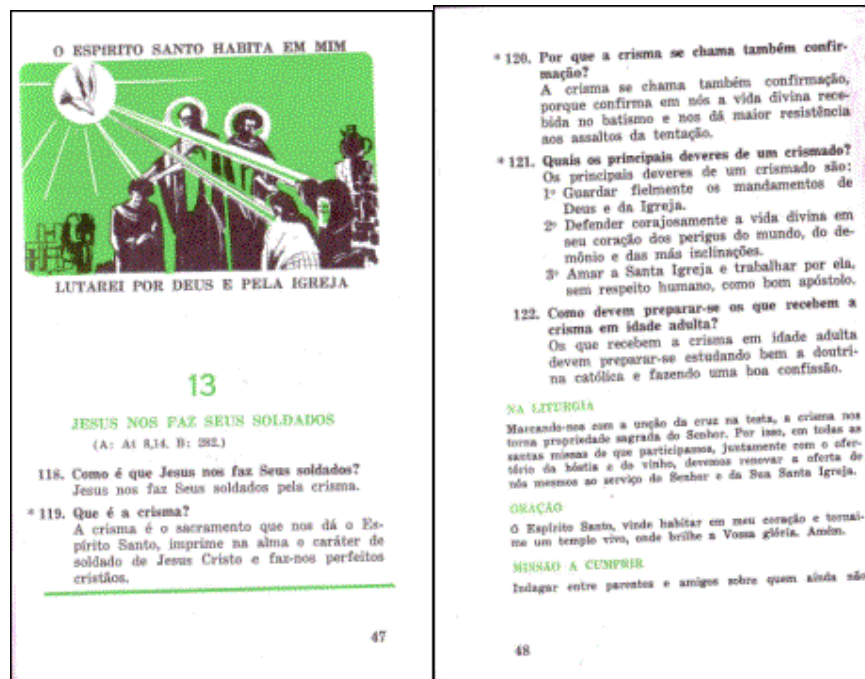
Já o simulacro instituído pela cena enunciativa das Testemunhas de Jeová, pressupõe por oposição, por meio da paixão da esperança, um leitor mais crente na utopia do sonho a ser realizado na supra-realidade ficcional de base mitológica.

Assim, o que os resultados parciais obtidos até o presente momento puderam observar é que apesar das unidades consideradas materializarem discursos de “divulgação religiosa”, apresentam distintas cenografias constituídas não mais pelo gênero, mais pelos próprios discursos, em resposta aos anseios de um determinado grupo social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica: Edição Típica Vaticana*. São Paulo Loyola, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *A Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MEU LIVRO DE HISTÓRIAS BÍBLICAS. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1978.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. 4ª.ed. Campinas : Pontes, 1996.
- PANIER, Louis. O discurso de interpretação no comentário bíblico. In: GREIMAS & LANDOWSKI. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, 1986.
- PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado de Argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SURIAN, Frei Carmelo. *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*. 145ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ANEXOS



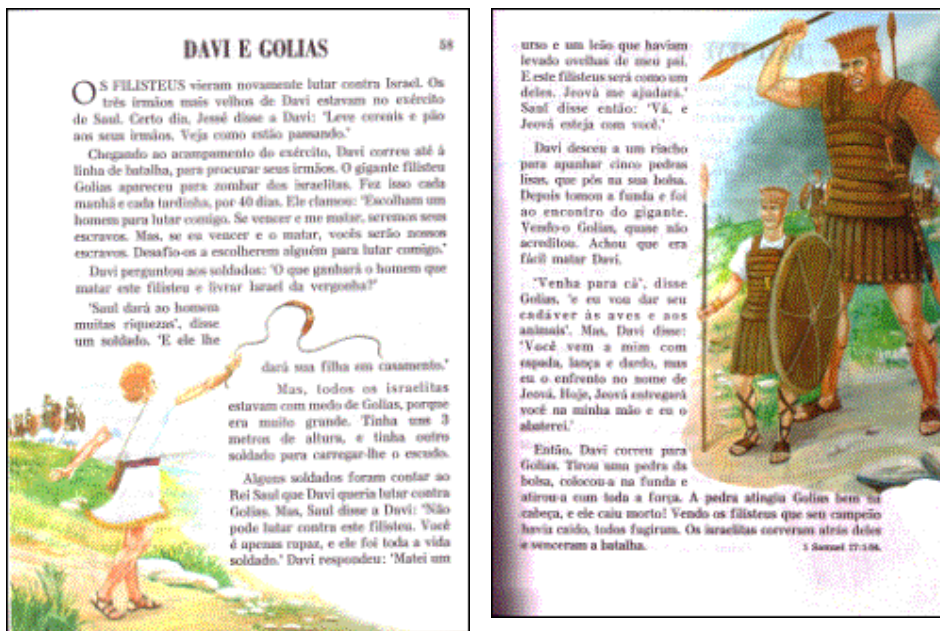
**Ilustração 1**

SURIAN, Frei Carmelo. *Primeiro catecismo da Doutrina Cristã*. 145 ed. São Paulo: Vozes, 2005. (p. 47-48)



**Ilustração 2**

SURIAN, Frei Carmelo. *Primeiro catecismo da Doutrina Cristã*. 145 ed. São Paulo: Vozes, 2005. (p. 49)



**Ilustração 3** *Meu livro de Histórias Bíblicas*. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1978, História 58.

#### Como citar este artigo:

SILVA, Sueli Maria Ramos da. Análise de textos de "divulgação religiosa": o éthos dado como confronto de paixões. **Estudos Semióticos**, Número 3, São Paulo, 2007. Disponível em <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em "dia/mês/ano".